

ZVEDEI BARBU

A Historiografia Soviética e o Conceito do Homem

As vicissitudes da historiografia

Poucas idéias tiveram na União Soviética uma história mais agitada e dramática que a idéia da própria História. Isso pode surpreender e desapontar aos que acreditem tenha Karl Marx estabelecido o conceito de História sôbre fundamentos materialistas precisos e que, como consequência, tenha oferecido uma clara solução ao problema complexo das relações entre o homem e a História. As vicissitudes da Historiografia Soviética podem ser encaradas não só como um reflexo de uma genuína luta de idéias, ou de uma incessante demanda de poder entre grupos e personalidades antagônicas, mas também, na qual o conceito de personalidade humana foi profundamente envolvido. Como o autor dêste artigo não é um historiador o ligeiro esquema do desenvolvimento da Historiografia Soviética feito a seguir tem antes uma finalidade exemplificativa do que informativa. O seu propósito presente é o de revelar o significado psico-sociológico das vicissitudes da Historiografia Soviética.

N. N. Pokrovsky, o venerado, e ao mesmo tempo, denegrido pai da Historiografia Soviética, encarava os antago-

nismos e os conflitos de classe como formas arquetípicas do desenvolvimento histórico. A história da Rússia é, em seu ponto de vista, inteiramente determinada pela luta da classe proletária contra o seu arqui-inimigo, o capitalismo. Mesmo a insurreição de 1136 de Kiev é descrita em termos de uma revolução proletária moderna. Faltando pontos de referência adequados para o período feudal na Rússia, quando já havia uma forma capitalista, Pokrovsky cunhou o termo e, de acôrdo com alguns de seus críticos comunistas, inventou o fenômeno do "capitalismo mercantil". Isso o habilitou a descrever também êsse período em termos de luta de classe no sentido mais estreito da palavra, isto é, como conflito de interesses econômicos.

Embora o conceito de luta de classes pudesse, logicamente falando, implicar em um certo tipo de atitude consciente mantida por grupos sociais bem definidos, Pokrovsky é em sua abordagem à História um mecanicista econômico; êle explica os acontecimentos históricos em termos de sistemas econômicos com pouca ou nenhuma referência a instituições como o Estado, ideologias ou grandes personalidades. Naturalmente, em tal

concepção da História, há pouca margem para a consciência humana, seja coletiva ou individual. De fato, desde que a História se cria a si mesma no laboratório das forças materiais, resta apenas uma pequena margem para a iniciativa humana.

Pokrovsky dominou a cena da Historiografia Soviética durante os quinze anos posteriores à Revolução de Outubro. A primeira reação contra êle foi motivada por necessidades educativas. Logo, porém, se tornou aparente que tal reação tinha raízes mais profundas, e mais largas implicações. Vejam-se os principais pontos da crítica feita pelo Partido nos primeiros anos da década de 30:

1. Pokrovsky ressentia-se de retrovisão: interpretava o passado nacional em termos principalmente ajustáveis à Revolução de Outubro.
2. Êle empobreceu a História Russa ao aplicar sobre ela "categorias sociológicas vazias".
3. Êle negligenciou o papel representado na história humana pelas personalidades e pelas idéias. Considerando-se o clima político e cultural do período pode-se dizer que o terceiro aspecto ocupa uma posição central. Têrmos como "Romantismo revolucionário" que limita o interesse do historiador para "os pequenos feitos de pequenos homens", ou uma concepção "vulgarizada" do indivíduo na História, eram obviamente visados por Pokrovsky e sua escola.

Ultrapassa a minha competência descrever em detalhe as implicações de tal crítica no desenvolvimento seguinte da Historiografia soviética. De outro lado, o meu propósito é aqui o de investigar

o possível significado dêste fato e de uma série de outras mudanças de perspectiva no campo da Historiografia, as quais facilmente podem apresentar-se ao historiador como saltos no escuro. Apresso-me em dizer que a crítica do Partido a Pokrovsky foi de certo modo um salto no escuro, pois ela conduziu gradualmente a uma espécie de crise crônica tanto no que concernia à explicação dos acontecimentos históricos, como a propósito da teoria da mudança histórica. Uma velha geração de historiadores representada por Petrushevsky, Lyubomirov e Tarlé, e outra nova, encabeçada por Grekov, assumiram ao mesmo tempo posições de evidência. No conjunto, elas se mostravam mais livres em relação ao dogma moral da luta de classes na sua maneira de tratar os acontecimentos históricos. Mas também nelas vigorosamente renascia uma interpretação tradicional-nacionalista da História. Os historiadores, particularmente pertencentes às Repúblicas regionais, começaram a glorificar a luta dos seus povos e mesmo das grandes personalidades do passado, enquanto pouca atenção prestavam ao conteúdo de classe e ao elemento crescente de tal luta. 1. Esta tendência teve o seu climax durante a 2.^a Grande Guerra, quando o "aformoseamento" do passado heróico se converteu em nota dominante da Historiografia Soviética. O 1.^o número de "Voprosii Historii", inspirado em uma decisão do Comité Central do Partido, formula a situação nestes têrmos:

"Nessas ocasiões a distorção da concepção marxista-leninista da história terminou em um nacionalismo pequeno-burguês, conduzindo à idealização da história do povo em questão, incluindo

uma avaliação indiscriminadamente negativa do Estado Russo e de seus representantes. Mas, durante o último ano, se verificaram também, na nossa historiografia erros de tipo oposto: na divisão do chauvinismo de Grande Potência apareceram tendências a uma reabilitação igualmente indiscriminada das políticas czaristas de colonização e expansão, conduzindo à restauração de conceitos burgueses na amostragem do crescimento do Estado russo, a uma negação da importância revolucionária dos movimentos camponeses... e a um afastamento da análise dos acontecimentos históricos do ponto de vista de classe”?

Assim o fim da guerra estabeleceu uma nova viragem na historiografia soviética, cujo principal motivo era o retorno à concepção marxista-leninista da História. Como foi mostrado acima, os historiadores foram interpelados pelo Partido por suas idéias pequeno-burguesas que levaram à idealização do passado, ao chauvinismo, e, finalmente, a um abandono do conceito de classe social em suas interpretações dos acontecimentos históricos. Este novo estágio pareceu levar a uma revivescência dos ideais de Pokrovsky e chegou-se mesmo a falar a respeito no período imediatamente posterior à morte de Stalin. Isso, contudo, provou não ser mais do que um sinal da confusão criada no campo da historiografia pelas séries de mudanças radicais iniciadas em 1945. Na verdade, a “nova linha” cêdo se cristalizou em torno do conceito de “Fidelidade ao Partido” de Zdanov, anunciado em 1946.

Para sentir a implicação do princípio de “Fidelidade ao Partido” no desenvolvimento da cultura soviética em geral, seria bastante mencionar que a finali-

dade primária de Zdanov fôra introduzir uma mudança radical na idéia marxista de distância social, substituindo o conceito de luta de classe — não aplicável à sociedade soviética — pelo conceito de luta entre o novo e o velho.

Isso representou, em larga medida, um salto no escuro, que abalou qualquer pensamento sistemático prévio em ciências sociais, desde os fundamentos. Enquanto o conteúdo do conceito de luta de classe era determinado por fatores objetivos, primariamente econômicos, o conteúdo dos conceitos do que é novo e do que o velho constituía matéria de decisões políticas assumidas pelos órgãos centrais do Partido. Como diferença da velha dialética materialista, a de então tinha um conteúdo voluntarístico, puramente político, pois, obviamente, era o Partido que decidia o que fôsse progressivo e o que fôsse regressivo na Sociedade Soviética.

As implicações da dialética voluntarística no desenvolvimento da historiografia foram várias, podendo contudo ser assim convenientemente sumarizadas: a História devia ser vista e interpretada através da perspectiva do Partido. O inimigo central de tal concepção é o “objetivismo”, isto é, a convicção de que o significado dos acontecimentos históricos e do processo histórico é revelado na análise dos próprios acontecimentos e de suas estruturas. De acôrdo com a nova linha, a verdade histórica pode ser alcançada somente pela análise dos fatos de acôrdo com o ponto de vista do Partido. Por outras palavras, o novo historiador não é nem um patriota, nem um ideólogo marxista, como Petrovsky, mas um homem do partido.

O Legado de Marx. Qualquer tentativa para estimar as vicissitudes da historiografia soviética há de levar em consideração duas séries de fatores determinantes: a primeira série está enraizada nas idéias de Marx sobre a natureza da História humana, enquanto a segunda é firmemente associada à evolução do conceito de homem na civilização soviética.

Conceda-se, o legado de Max não é muito claro. Embora têmos como “classe social”, “luta de classe” e “consciência de classe” ocupem funções chaves em sua concepção da história, Marx não procura dizer o que entende por êles. Significativo é que a sua obra mestra, “O Capital” termine com uma tentativa frustrada de definir a noção de classe social. Onde êle mais se aproxima de tal definição é no seu “O 18 Brumário de Luiz Bonaparte”, quando pesarosamente conclui que os camponeses franceses daquele período não constituíam uma classe social. Sobre êsse ponto escreve Marx: “Os milhões de famílias camponesas da França formam uma classe social somente na medida em que vivem em condições econômicas que as separam, e que opõem o seu modo de vida, os seus interesses e a sua classe aos de outra classe da sociedade. Não constituem, contudo, uma classe social na medida em que os laços entre elas são de caráter puramente local e na medida em que a similaridade dos seus interesses não os traga juntas para uma comunidade, para uma unidade vastamente nacional e para uma organização política. Essa é a razão porque, no presente, elas são incapazes de lutar por si próprias e de defender os seus próprios interesses por intermédio de um

Parlamento ou de uma Assembléia. Elas não se podem representar a si próprias, elas têm de ser representadas”. 3.

Esta exposição permite, não sem um certo esforço de interpretação, identificar os constituintes principais de uma classe social como consistentes de: a) um conjunto de condições econômicas específicas; b) um modo comum de vida; c) interesses comuns e d) a consciência que um número de indivíduos, formando um grupo dentro da sociedade, tem a respeito de si mesmo como possuidor de tais condições de vida.

É importante notar que, embora a consciência de classe tenha um caráter derivado, sendo o reflexo ao nível mental das condições materiais objetivas de um grupo social, Marx a investe de específicos poderes. Em seu ponto de vista, a consciência de classe implica o desejo por parte dos que a possuem de que sejam pensados como uma classe, em razão de que ela se torna um fator histórico dinâmico.

Isso, porém, não significa que Marx sustentasse um ponto de vista preciso com respeito à maneira pela qual a consciência de classe opera, dentro da história, ou que êle tivesse uma imagem clara acerca do processo histórico em geral e, particularmente, acerca das relações específicas entre o homem e a história. Seria muito fácil, segundo os seus adeptos, especialistas em matéria de interpretação, reconstruir a sua posição básica a partir dos seguintes pontos que êle, reconhecidamente, fez em vários períodos do seu desenvolvimento intelectual. 4. 1. traço característico do homem é a auto-consciência; 2. O homem assume consciência de si como classe, por isso, êle percebe a sua própria natureza

como membro de uma classe; 3. Nesta qualidade êle se torna criador da história, isto é, senhor do seu próprio destino. Êste largo esquema, porém, concede uma grande variedade de nuances de que Marx seguramente tirou todo proveito. Assim, parece claro que, com respeito à natureza da História e, particularmente, com respeito à dinâmica do processo histórico, Marx atravessou três fases principais. Em seu primeiro período, na "Ideologia Alemã" por exemplo, sustentava que a consciência, isto é, a expressão subjetiva das forças econômicas básicas, é um fator relevante na dialética da sociedade. As pessoas atuam basicamente de acôrdo com os seus interesses econômicos, mas podem também atuar — e podem mudar a sua história — de acôrdo com as suas idéias, de acôrdo com o que pensam acêrca dos seus interesses. Nesta fase, Marx quase admitia a dualidade na determinação dos acontecimentos históricos: as forças econômicas objetivas, de um lado e as expressões ideológica e institucional destas forças, de outra parte. No segundo período — entre 1845 e 1852 — Marx ainda sustenta a idéia da dualidade, reduzindo consideravelmente, porém, o papel exercido pela consciência no processo histórico. 5. No terceiro, que corresponde à feitura de "O Capital", Marx tinha grande dificuldade em ver na consciência — idéias e crenças — um fator histórico genuíno. Êle não mais estava certo de que a consciência fôsse capaz de representar o processo econômico; ela podia facilmente desviar-se e se converter em "consciência falsa", por conseguinte um fator distorcedor e obscurador no desenvolvimento histórico. Nesta fase, Marx se inclinou certamente

para o monismo causal na História, por considerar as forças econômicas como os únicos determinantes genuínos do desenvolvimento histórico. O homem é totalmente o produto destas forças. "O seu ponto de vista, pelo qual a evolução da formação econômica da sociedade é encarada como um processo de *história natural*, pode menos do que qualquer outro tornar o indivíduo responsável pelas relações das quais permanece como o ser socialmente criado" 6. Isto pode ser seguramente considerado como a intenção de Marx a respeito do problema das relações entre o homem e a História.

Êste complexo legado ideológico que tão bem ilustra a singular tendência de Marx a ajustar a sua orientação teórica às muitas e variadas circunstâncias históricas, tem certamente muito que ver com as vicissitudes da historiografia soviética. Um aspecto, porém, desta complexa situação merece especial atenção, qual seja: o desenvolvimento da estrutura teórica da historiografia soviética — de que isso pode ser discernido — segue o próprio desenvolvimento de Marx, mas em sentido contrário. A escola de Pokrovsky apoia-se maciça e exclusivamente da posição de Marx no "O Capital"; ela é de fato uma versão grosseira e simplificada da concepção econômico-materialista da história pertencente a Marx.

A partir desta primeira fase, a historiografia soviética se desenvolve aproximadamente na direção do jovem Marx, por conceder mais e mais lugar à intervenção do homem no desdobramento do processo histórico. Significa isso uma compressão melhor, mais global de Marx? Se assim podia ser, contudo não

é a inteira verdade. Para que se compreenda melhor este tipo de desenvolvimento na armadura teórica da historiografia soviética, tem-se de levar em conta certas condições características da evolução psico-cultural da sociedade, particularmente aquelas que aclaram a evolução do conceito do homem dentro da sociedade soviética.

Modelos de Homem. Tem sido frequentemente notado que, nestes últimos trinta anos, a cultura soviética tem-se afastado de uma concepção puramente mecanicista do universo. Embora a direção deste desenvolvimento longe esteja de ser clara, distinguem-se normalmente dois estágios principais no desenvolvimento da cultura e da sociedade soviética. Em termos filosóficos gerais o fato pode ser descrito como um processo de transição do que tem sido chamado "marxismo mecanicista" ou, algumas vezes, "marxismo vulgar" para "marxismo dialético", um processo que se tornou evidente nos primeiros anos da década de trinta. Não é fácil estabelecer uma distinção precisa entre os dois estágios. Seria, no entanto, prudente dizer-se que o marxismo mecanicista reforça os fatores determinísticos causais no desenvolvimento da sociedade soviética, isto é, a inevitabilidade do processo histórico baseado nas eternas leis da infra-estrutura econômica. De outro lado, o marxismo dialético realça os processos dirigidos e como tal permite e torna mesmo necessária a intervenção consciente e deliberada no desenvolvimento da sociedade. No campo econômico, a posição anterior foi ocupada pelos Bucharinistas, "os oportunistas da direita", com seus conceitos de "equilíbrio" e "espontaneidade", ambos apon-

tando para a dinâmica intrínseca do processo econômico, encarando assim o desenvolvimento social e cultural como simples matéria de necessidade científica. Contra esta posição havia os "dialéticos", tendo Stalin à frente, com a idéia central da "ação revolucionária". "A nova função não é a de estudar economia, mas modificá-la. Não estamos limitados por nenhuma lei. Não há postulados que os Bolcheviques não possam violentar. A questão do ritmo temporal está sujeita às decisões dos seres humanos" 7. Por motivos que, afinal, não são claros, a primeira tendência era caracterizada por uma abordagem "genética", enquanto a última por uma abordagem "teleológica".

Não seria necessário dizer que esse tipo de desenvolvimento também se expressou no campo político. Com efeito, o termo "teleológico" aplicava-se principalmente a este campo, pois era o Partido próprio que corporificava tantos os fins como os meios para o seu alcance. O desenvolvimento da sociedade soviética não podia mais ser confiado às eternas leis objetivas da matéria, mas antes à ação consciente e finalística do Partido. Assim, até à metade da década de trinta surgiu uma nova e mais forte ênfase sobre a idéia de Lenin acerca do Partido, isto é, um organismo que não somente se coloca na vanguarda das classes trabalhadoras, mas que escava mediante seus próprios planos e métodos, o túnel do progresso social. E para aprender o inteiro significado psico-sociológico disso, seria bastante dizer que não era somente a idéia de Lenin acerca do Partido que está sendo revitalizada, a obra filosófica de Lenin como um todo

foi submetida a um processo de re-estimação.

Foi nesse período que os “Apontamentos Filosóficos” de Lenin — um comentário sobre Hegel — foram tirados da gaveta e estudados com uma nova espécie de curiosidade. À diferença de Lenin do “Empíriocriticismo”, que era um “materialista ingênuo”, o Lenin dos “Apontamentos Filosóficos” era um “realista dialético”. Ele atribui à consciência humana uma certa parte ativa no processo do conhecimento, pois o fato da consciência humana ser relacionada à matéria introduz uma diferença qualitativa no processo do conhecimento. “O reflexo da natureza na mente humana — escreve Lenin — não ocorre de uma maneira morta ou abstrata, não sem movimento, não sem contradição, mas através de um permanente processo no qual se produzem e absorvem contradições” 8. Isso é sem dúvida um passo além dos postulados básicos do marxismo mecanicista que dominou o primeiro estágio da cultura soviética: é uma indicação de que o homem com a sua consciência começa a ocupar uma posição honrosa, senão central, no universo.

Diretrizes sócio-culturais como as que acima mencionamos têm sido consideradas, em certos estudos psicológicos e sociológicos, como indicadoras de um tipo específico de evolução no conceito do homem na civilização soviética. Eis a maneira pela qual esta evolução é descrita por um desses estudos: “A partir de uma visão do homem como um produto das forças e, por conseguinte, do processo histórico, evoluiu uma nova imagem do homem capaz de *auto-iniciativa, responsável por sua ação*, nem controlado pelo seu meio, nem pela he-

reditariedade — imagem de um homem capaz de ser uma força ativa e ao mesmo tempo capaz de ser a *fonte do seu próprio erro e do seu próprio mal*. A sua liberdade repousa não na indeterminação mas em sua capacidade de reconhecer a necessidade. O anterior afloramento da consciência... brotou inteiramente: a consciência é agora um processo central que torna o homem capaz de forjar o seu próprio destino — ou mesmo de cometer crimes puníveis contra o Estado” 9.

O que acaba de ser dito aponta a transição de um *modelo mecanicista de homem* para um modelo de homem baseado na idéia da motivação interna e da auto-determinação. Isso é ilustrado pelas mudanças que sucederam em muitos aspectos da vida soviética e, particularmente, no campo da psicologia e da educação. Assim, para a reflexologia, o homem era inteiramente um produto, um reflexo do seu meio, uma criação dotada de um centro vazio, crescendo de fora para dentro.

Contrastando com esta, a psicologia soviética posterior — particularmente depois de 1940 — tornou-se progressivamente mais interessada na análise da dinâmica interna da personalidade humana e no processo da consciência. Paralelamente, a pedagogia soviética acentuou mais o conceito de auto-treinamento, como oposto à fórmula de desenvolvimento espontâneo, do “desaparecimento progressivo da escola” característico da fase anterior. 10. Tudo isso pode ser encarado como sintoma do fato de que a “concepção dominante do homem tornou-se a de um ser crescentemente finalístico, senhor cada vez mais do seu próprio destino e cada vez menos produto

do seu meio". 11. Por alguns detalhes menores de formulação, porém, êste processo podia ser descrito como uma transição de um tipo de personalidade "áltero-orientada" para uma "auto-orientada", se os conceitos de D. Riesman podem ser estendidos até aí.

O ego do homem soviético. Admite-se ter havido uma certa mudança na concepção soviética do homem, a qual começou a se exercer nos primeiros anos da década de trinta. Esta mudança, contudo, não foi nem declarada nem tão unilinear como as observações acima parecem sugerir. Expressões tais como "dinâmica interna da personalidade humana", "consciência", "auto-determinação", ou "o homem como ator intencionalmente atuante", que têm tido uso cada vez mais freqüente na Rússia Soviética desde 1930, devem ser cuidadosamente analisadas no seu contexto real. O seu significado antropológico pode ser diferente do que têm em outras civilizações. Nêste ponto é que o desenvolvimento da Historiografia Soviética podia ser revelador. O presente escritor está fortemente convencido de que a visão do passado pelo homem, a sua concepção da existência do povo no passado, é em grande medida uma projeção de sua visão de si mesmo. Daí que o desenvolvimento da Historiografia dentro de uma específica civilização seja particularmente significativa para o desenvolvimento do conceito de homem.

Na evolução do conceito soviético de homem, segundo o reflete a historiografia soviética, podem-se distinguir três momentos. O período de Pokrovsky revela uma idéia de homem que apresenta certos aspectos básicos em comum com o modelo mecanicista, acima esbo-

çado. Segundo esta escola, a História nada mais é do que o desdobramento dos processos materiais de acôrdo com leis objetivas pré-estabelecidas; o homem é, inteiramente, o produto de uma História assim concebida. Embora seja suposto que o processo histórico sirva aos interesses do homem, nenhuma atividade finalística consciente, nenhuma fôrça espiritual, em uma palavra, nenhuma ação centrada no homem, penetra na feitura da História. A relação entre o homem e a História se cumpre mediante um único caminho, isto é, da História para o homem, pois o homem não possui nenhum centro em si próprio, nenhum ego, individual ou coletivo. (Para Pokrovsky, a consciência de classe, na medida em que exista, é limitada ao reflexo dos processos materiais objetivos). Em essência, o período de Pokrovsky revela uma concepção mágica do homem, que é, naturalmente, enroupada numa ideologia nacionalista. De acôrdo com tal concepção, o espírito do homem, individual e coletivo, é estendido, projetado sôbre às fôrças externas do universo. O homem não existe em si mesmo, êle não possui um *ego*, êle existe em seus laços com um universo mecânicamente concebido. Em conseqüência, tôda ação humana é uma manifestação de fôrças externas. A História é a Cosmogonia debaixo de falsas vestes.

O período pós-pokrovskiano — entre 1932 e 1945 — é psico-sociologicamente difuso e confuso, porque inclui demasiados elementos de táticas políticas. Um dos seus traços principais consiste numa certa prontidão para reconhecer na feitura da História a parte representada pela ação humana instrumentalmente dirigida. A questão, no entanto,

é de se êsse é um movimento genuíno em direção a uma concepção do homem como um ser auto-centrado, cuja consciência é em si mesma um fator criador no processo histórico. Os críticos de Pokrovsky objetaram que êle ignorava o papel desempenhado na História pelas grandes personalidades. Contudo, parece claro que o que êsses críticos tinham em mente não era um conceito carlyliano do “herói”, — uma personalidade que modela o processo histórico de acôrdo com a sua vida interior, de acôrdo com os seus sentimentos e idéias. As grandes personalidades do passado às quais os críticos de Pokrovsky se referiam como construtores da História, eram de fato criaturas “sem ego”. Elas alcançaram uma consciência na medida em que a tomaram por empréstimo de fora, de uma classe social, de um grupo nacional. E foi por esta “consciência tomada por empréstimo”, e freqüentemente contrária à sua própria consciência, que êles se tornaram construtores da História. Reveladores são os comentários de Stalin sôbre Ivan o Terrível — uma das personalidades do passado. Perguntado pelo ator N. Cherkasov e por Eisenstein sôbre como via a personalidade do famoso Czar, respondeu: “Ivan não conseguiu destruir as grandes famílias feudais remanescentes. Deus interferiu nos desígnios de Ivan... Ivan teria destruído uma família de Boiárdos e passaria depois um ano inteiro a lamentar-se, quando deveria ter agido mais resolutamente”. Enquanto o período de Pokrovsky descreve um homem sem alma, submerso nas fôrças materiais do seu meio, o período pós-pokrovskiano oferece a imagem de um homem que é completamente identificado com um

grupo — grupo social ou com uma idéia de tal grupo, um homem que não se descobriu a si próprio. Esta é a concepção da consciência humana e do homem em geral, característica de uma sociedade e de uma cultura pré-individualizadas. Em tal contexto, termos como “ação auto-centrada”, “senhor do seu próprio destino” e, particularmente, “liberdade”, quaisquer que possam ser as suas definições, têm pouco sentido. Há de se acentuar outra vez, contudo, que o período desenrolado entre 1930 e 1945 tem um caráter altamente experimental: antes de tudo êle foi o período da grande crise. O modelo mecanicista do homem mostrou-se inadequado e a busca de uma nova fórmula conduziu, pelo menos no início, a mais de uma direção. O que sucedeu no campo da historiografia pode ser descrito como um exemplo típico da dialética stalinista, isto é, uma pequena fase de relaxamento, “um degêlo” deliberadamente criado com a finalidade de identificar com mais precisão o divergente e o herético. Os historiadores foram encorajados, ou mais ainda, exortados a considerarem a História em termos diferentes dos preconizados pela escola até então oficial de Pokrovsky e o resultado foi que caíram em erros “nacionalistas” ou “objetivistas”, corridos no terceiro período.

O terceiro período, contudo, adveio não só como um corretivo aos erros do período pós-pokrovskiano, mas também como algo de nôvo; êle surgiu com uma formulação clara e uma imposição vigorosa do princípio do “espírito de Partido”. Isto implica em mais do que um nôvo critério de escrever a história ou de ver e compreender o povo do passado; êle implica de fato em uma

redefinição do conceito de homem na Rússia Soviética. O nôvo homem era o homem de Partido.

Não há necessidade de entrar em detalhes para a definição do homem de Partido. A questão mais específica com a qual o presente estudo está ligado é de se isso inscreve um nôvo estágio na evolução do conceito de homem na civilização soviética. Não é difícil responder esta questão na afirmativa, mas isso será simplesmente suscitar várias outras questões encarando o sentido desta evolução no conceito do homem. Contudo, qualquer que ela possa ser, uma coisa parece tão clara como a luz do dia: "o homem de partido" não é mais centrado em si mesmo do que os tipos de homem do período de Pokrovsky e do pós-pokrovskiano. Tal homem não tem consciência de si mesmo e, na verdade, nenhuma idéa acêrca de si próprio: a sua consciência é *manufaturada* e sôbre êle imposta pelo Partido. Assim como o primeiro período criou uma imagem de um homem centrado na matéria, e o segundo a imagem de um homem centrado numa nação ou num grupo, o terceiro período cria o conceito de um homem centrado no Partido. Se há um desenvolvimento, êste não se processa no sentido da auto-determinação e da liberdade. Um desenvolvimento no sentido de centrar-se em si mesmo não é possível a menos que e até que as decisões do Partido sejam passíveis de aceitação e incorporação de um modo racional e deliberado pelo indivíduo e em extensão maior do que as leis da matéria.

Conclusões. Mesmo que não tenha havido progresso, tem havido pelo menos uma mudança na concepção soviético do homem. Duas séries de fatôres,

uma política e outra psicológica, podem importar para esta mudança.

Tem sido muitas vêzes sugerido que a mudança na historiografia soviética que ilustra a mudança no conceito do homem, consistiu em larga escala em medida de tática política, ou mesmo em oportunismo político. Assim a escola de Pokrovsky foi não apenas tolerada, mas consagrada como "oficial" nos primeiros anos do regime bolchevista, pela simples razão de que ela servia à finalidade central dêste período, que era a de liquidar a classe capitalista burguesa, resistente à revolução.

Que o capitalismo era o eterno inimigo do progresso histórico, sustentava o princípio primordial da escola de Pokrovsky.

A transição do segundo período foi também inspirada por um complexo de recursos políticos. A fórmula de Stalin, "socialismo dentro de um país", o culto da personalidade inspirado por êste dirigente autocrático, bem como a necessidade do Partido excitar o sentimento nacionalista patriótico dos cidadãos russos por efeito da guerra, todos são pontos de tática política que podiam explicar o caráter do segundo período na historiografia soviética.

A explicação em têrmos políticos do terceiro período é de certo modo mais simples, porquanto êsse período significa o ápice de uma direção constante na civilização soviética, ou seja, a criação e imposição do Partido como modêlo de sociedade, e do "homem de Partido" como modêlo de homem. Que isso só haja acontecido próximo do fim da 2.^a Grande Guerra, pode ser tomado como uma prova de que sômente nesta fase, isto é, nas circunstâncias da vitória, o

Partido se tornou bastante forte para a realização do seu objetivo.

O que vem de ser dito conduz à segunda hipótese explicativa com respeito às mudanças processadas no conceito soviético de homem. Como não é a oportunidade de desenvolver uma teoria em detalhes, limitar-me-ei a algumas observações baseadas em recentes pesquisas no campo da psicologia social.

Para começar, um modelo mecanicista de homem, como o característico do primeiro período da civilização soviética, pode, falando-se genêricamente, ser tomado como um sintoma cultural de um ajustamento coletivo a condições de insegurança. Há pouca dúvida sobre se a sociedade soviética e, particularmente, o Partido bolchevista atravessaram tal fase. O sentimento coletivo de insegurança foi criado, em primeiro lugar, pelo estado generalizado de caos e de desintegração social característico do período revolucionário, pelas dúvidas que o próprio Partido tinha acerca da sua força e habilidade para construir uma nova sociedade, e pela luta dentro do Partido. A isto podia ser acrescentada a insegurança crônica caracterizadora de todo o grupo proletário moderno. Em tais circunstâncias, a concepção mecanicista do homem cumpria uma função psicológica: era uma compensação, ou uma formação-reação ao sentimento de insegurança. Pois, o que tal concepção sugere pode ser assim formulado: a vida interna do homem, a sua subjetividade tem um caráter derivado; o homem é uma expressão da realidade material externa cujas leis básicas conduzem pela necessidade a um fim desejado. A despeito da insegurança e da dúvida, nada pode caminhar errado,

pois a vitória final do proletariado e a realização do comunismo estão escritas nas leis objetivas do universo social. Isso é outro modo de dizer que Deus ou a natureza estão do lado do fraco e do deserdado. 12.

Esta me parece uma das razões básicas pelas quais um modelo mecanicista de homem domina o primeiro estágio da civilização soviética. Resta somente ser dito que um afastamento de tal concepção somente pôde advir na medida em que o criador da sociedade soviética, o Partido, ganhou segurança como resultado de uma série de vitórias sobre o seu inimigo e uma série de realizações práticas. Confiança nas condições objetivas externas tornou-se cada vez menos psicologicamente necessária. Assim, a ênfase posta sobre a importância dos fatores internos, tais como, consciência, vontade, auto-treinamento da personalidade, tornou-se cada vez mais clara na definição soviética do homem. Tem-se, contudo, de outra vez acentuar que a consciência, a vontade e a personalidade que os comunistas adscvem à natureza humana não são consciência individualizada, vontade ou personalidade: elas são manufaturadas pelo Partido. O homem soviético não é um homem centrado em si mesmo, mas, essencialmente, um homem de Partido.

(Tradução de L. Costa Lima e O. da Costa Ferreira).

1. Estes pontos encontraram gradualmente expressão nas críticas formuladas pelo Partido em maio de 1934, em uma série de observações sobre alguns livros de texto de história, feitas por Stalin, Kirov e Zdanov durante o mesmo ano, as quais foram finalmente incorporadas numa resolução do Partido, publicada em 1936.

2. Segundo R. Rchlesinger: "Recent Soviet History". I *Soviet Studies*. Vol. I, 1949-50.

3. Traduzido do francês. Editions Sociales, Paris, 1928, p. 182.

4. Em seu *Class and Class Conflict in Industrial Society*, London 1959, R. Dahrendorf toma a si a tarefa de escrever uma versão inteira do capítulo sobre "Classe Social", que Marx apenas esboçou em 'O Capital'.

5. Ele faz distinção entre a função histórica de "Classes Sociais" e a de "partidos políticos". Classe é identificada com a realidade objetiva, enquanto partido o é com a subjetiva; classe é a corporificação do processo econômico, partido é a concepção de classe em si mesmo; a classe é o agente social da história, enquanto o partido é o agente político. A posição de uma classe no processo histórico é nivelada na análise das forças produtivas, a posição do partido é demonstrada por seus programas e ideologias políticas.

6. Prefácio à 2.^a edição de 'O Capital', Trad. do francês, Molitor Ed. Paris, p. LXXX. 1946. Os itálicos são meus.

7. Yugow: *Russia's Economic Front*. Segundo R. A. Bauer: *The New Man in Soviet Psychology*. Harvard Univ. Press, 1952.

8. Lenin citado por G. A. Wetter: *Il Materialismo Dialettico Sovietico*. Torino 1948, p. 342.

9. Prefácio de G. S. Bruner à obra de R. A. Bauer citada à pág. 10.

10. V. N. Shulgin era típico representante desta tendência. A crença na bondade inata da criança era postulado básico desta escola. Isto fazia com que a disciplina externa, a escola, fôsse desnecessária.

11. R. A. Bauer, op. cit. p. 7.

12. Para exame pormenorizado deste ponto ver Z. Barbu: *Democracy and Dictatorship*. London, 1956.